

José Jorge Letria

Amados gatos

PEQUENAS HISTÓRIAS
DE GATOS CÉLEBRES

OFICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

Alexandre, o gato e o adeus (Há miar e miar, há ir e voltar)	13
O gato de Jacopo Bassano	19
Um gato além túmulo	25
Última carta de Paul Klee aos gatos da sua vida	31
Casanova, alma de gato	35
Eugénio e os gatos de uma vida	41
O gato de Céline	45
O gato de Vladimir Ilitch	51
Dois nomes para um gato	57
Picasso com um siamês ao colo	61
Mouschi tinha razão	65
Bastet, Malraux e o faraó	71
Poema apócrifo de Stéphane Mallarmé para Neige e Lilith	79
O adeus de Rousseau a Doyenne	83
A vingança dos gatos do Cardeal	87
O Português de quimono e o gato divino	91
Colette: a senhora dos gatos	97
A lição de Monte Cristo	101
O gato branco de Chaplin	105

Chandler, Marlowe e o persa preto	109
Os gatinhos de Mark Twain	113
Hemingway e o adeus aos gatos	117
Depois da morte de Murr	123
Solidão com gata	127
Os gatos do Senhor Zola	131
O gato preto de Winston	135
Carta de Mitsou a Marilyn	141
Dalí e os gatos voadores	147
O pressentimento de Kitten	151
Ave Cesar, Ave Catus!	159
O porte de uma princesa persa	165
Raminou, senhor de Montmartre	171
Bruant, o pintor e o gato preto	177
A alma de La Fontaine	183
A gata de Michel de Montaigne	189
O gato do General	193
O Hamlet do Algonquin	197
Piaf, Cocteau e os siameses	203
A gata branca de Bordalo	209

ALEXANDRE, O GATO E O ADEUS
(Há miar e miar, há ir e voltar)

O GATO, vendo o poeta de ombro apoiado na ombreira a observar a feira cabisbaixa em seu redor, acercou-se dele e perguntou-lhe, no murmúrio ronronado que costuma servir de preâmbulo às grandes questões metafísicas:

— Servos ou donos?

O poeta, por achar a pergunta demasiado enigmática, contornou a resposta afagando-lhe o dorso e dizendo:

— Deves estar cheio de fome, o teu mal é fome, e eu não tenho forma de remediar esse problema, porque não sou rato, nem peixe, nem pássaro estonteado pela luz. Eu sou apenas um pobre poeta de ombro na ombreira.

Mas o gato, apurando o gutural e afectuoso rom-rom, insistiu:

— Sei bem ao que venho, sim, porque eu nunca me esqueço dos versos que me são dedicados. Eu bem me lembro das tuas palavras, Alexandre: *Que fazes por aqui, ó gato? / Que ambiguidade vens explorar?* Quem sou eu, meu caro Alexandre, para te deixar sem resposta, logo a ti, meu poeta de Lisboa, de coração amarfanhado pela tenaz da mais irónica ternura?

Foi então que Alexandre se lembrou do gato do poema, dessa coisa ágil e esquiva, soberana e livre, em forma de assim, fugaz como um golpe de vento, rebelde como uma metáfora imprevista.

— Tantas vezes te deixei utilizar esta mão — disse — que cheguei a acreditar que, quando escrevesse um poema sobre ti, serias tu mesmo a escrevê-lo, de forma mediúnica, usando o movimento pausado da minha mão sobre o papel.

O gato, esse mesmo, o do poema, roçou a cabeça pelas pernas do poeta, impregnando-se com o seu cheiro, com o perfume das suas palavras exactas e limpas, e depois aventurou-se num breve monólogo de bicho filosofante. Assim:

— É como te digo, Alexandre, tu e eu temos em comum este vício felino de sermos livres, nas palavras, nos gestos, nos silêncios. Um dia, tu partes e eu fico para aqui abandonado a miar à lua, como se perguntasse por ti. Um dia, eu parto e tu ficas sem gato a quem possas dedicar o poema, órfão de gato, nostálgico da sua arqueada liberdade arrastada sobre os telhados como uma confissão de nocturnos cios.

O poeta, emocionado com a enleante sabedoria do gato, esse mesmo, o do poema, só conseguiu perguntar-lhe:

— Afinal, vamos lá a saber, o poeta és tu ou sou eu?

Ao que o gato respondeu:

— Somos os dois, Alexandre, somos os dois, cada um à sua maneira. Tu no que escreves e eu no que não

escrevo mas vivo. Temos este destino comum a ligar-nos como uma ponte, como uma centelha de luz, como um arame a juntar as duas extremidades da lua nova.

Alexandre, o poeta, só encontrou uma forma de lhe responder:

— Há miar e miar, há ir e voltar.

Ainda a frase não se deixara concluir e já o gato se empoleirara sobre o parapeito de uma janela, muito perto da ombreira da porta, posto de observação do poeta para ver a feira a ficar cada vez mais cabisbaixa, por falta de esperança para erguer de vez a cabeça em direcção ao sol.

Do gato nunca mais o poeta teve notícias, nem em prosa nem em verso, e quando, num sisudo dia 21 de Abril, o coração do poeta, como um gato triste e cansado, se recusou a levar por diante a faina de estar vivo, houve quem avistasse um velho gatarrão sobre o parapeito da janela do hospital, murmurando com a sapiência do seu estilo ronronado:

— Há miar e miar, e tu, Alexandre, hás-de voltar, porque um gato sem o seu poeta de estimação fica prometido à morte como um pardal à inclemência do relâmpago.

E quando alguém, aproximando-se dele, quis saber “o que fazes por aqui, ó gato?”, o bichano, arqueando-se para o derradeiro salto na direcção da lua, respondeu apenas:

— Perguntem ao Alexandre, ao O’Neill, que só ele sabe. Os poetas é que sabem. É dos livros.

O GATO DE JACOPO BASSANO

CRISTO, sempre atento aos vícios e outros excessos terrenos, surpreendeu uma noite o pintor Jacopo Bassano enquanto retocava uma tela, e disse-lhe com uma voz cuja doçura não excluía o leve ferrete da reprovação:

— Apesar da minha bíblica humildade, devo dizer-te que me incomoda o facto de, nos teus quadros, rivalizar com minha presença divina a imagem do teu gato.

Não esperando tal reparo e muito menos tão transcendente e inusitada visita, Jacopo Bassano tentou encontrar as palavras certas para responder àquele que tanto venerava e a quem já várias vezes encomendara a sua alma pecadora. Ele sabia que só a protecção divina o tornara quase tão importante e requisitado como Tintoretto e Veronese, grandes entre os maiores pintores do seu tempo e, como ele, amantes dos domésticos felinos.

Menegheto, o companheiro da sua solidão habitada por tintas e imagens sacras, já partilhava o conforto da sua morada ia para dezasseis anos. Quantos anos viveria ainda? Acarinhado e bem alimentado, sem ter que caçar ratos junto das águas fétidas dos canais, poderia durar ainda mais dois ou três anos.

Jacopo Bassano hesitara, inicialmente, antes de o transformar em discreta personagem das suas telas meticulosamente imaginadas e pintadas. Depois pensara: “Que mal pode haver na presença do meu gato nos quadros que pinto, se essa presença é discreta e não ofusca nenhuma outra?”. Foi assim que Menegheto passou a ter lugar cativo na sua obra, representando uma liberdade e uma soberania que nunca caracterizaram, por exemplo, o cão que também pintou dormindo tranquilo debaixo de uma mesa da sua casa.

Agora, a presença física do filho de Deus deixava-o estupefacto e, sobretudo, seriamente embaraçado.

— Senhor, nunca me atrevi a imaginar que a presença do meu gato nas telas, jamais as de tema sacro, pudesse incomodar-vos — disse o pintor.

— Mas a verdade é que incomoda — respondeu Cristo, sempre num tom complacente e suave —, pois não devem misturar-se na tua pintura, que tem um inegável sopro divino, o mundo celeste e o mundo terreno, com a sua pequenez e irremediável finitude. Sem que disso te dê conta, introduzindo com tanta frequência o teu gato nos quadros que pintas e nos seus enredos, acabas por te transformar mais num pintor de felinos do que num pintor de anjos e de outras figuras imortais e intemporais.

— Mas que hei-de eu fazer, Senhor?

— Porque não guardas a presença, por certo graciosa e bem intencionada, do teu gato para um quadro em que

representes o eternamente generoso e humilde São Francisco de Assis, já que esse tinha a virtude rara de conseguir falar com os bichos, com as árvores e com as águas dos rios? Por certo havias de cair nas suas franciscanas graças.

— Assim farei, Senhor, logo que para tal me surjam inspiração e ensejo.

Ainda Jacopo Bassano não concluíra a sua lacónica resposta, já Cristo se volatilizara, deixando-o a braços com um dilema: havia de manter Menegheto nos seus quadros ou havia de o reduzir à insignificância de uma discreta presença física nos seus aposentos, afastando-o, desse modo, do patamar da posteridade?

Nesse instante, Menegheto roçou-se pelas pernas do dono e disse-lhe:

— Meu amo, há mais de um ano que não pintas uma tela em que eu esteja presente. Será que a minha velhice me aniquilou a teus olhos como modelo?

Bassano benzeu-se e ajoelhou-se para rezar, pois estivera sujeito a duas emoções demasiado intensas num só dia. Primeiro, recebera a visita do filho de Deus, e depois ouvira, pela primeira vez, o seu amado gato Menegheto a dirigir-lhe a palavra como se de um ser humano se tratasse. Estaria, porventura, a enlouquecer?

Num fugaz exercício de memória recordou todas as vezes que havia retratado Menegheto e constatou que

sempre o fizera exibindo a sua estranheza inquieta e a sua rebeldia em relação ao mundo circundante. Mas essa rebeldia e essa estranheza seriam as do seu gato ou aquelas que a si mesmo teimava em atribuir, reagindo, desse modo, ao incômodo causado por certas encomendas artísticas que não podia recusar-se a concretizar, sendo como era profissional estimado e respeitado por nobres e por plebeus?

Passados seis meses, Menegheto adoeceu gravemente e morreu ao fim de poucos dias. Jacopo Bassano chorou a sua morte como se chorasse a de uma mulher amada. Quando o enterrou nas traseiras da sua casa, num dia chuvoso e de ar abafado, rezou por ele e encomendou a sua alma a Cristo, porque se recusava a duvidar de que Menegheto tivesse uma alma como a sua. E fora essa alma de gato, fugidia e insubmissa, que o ajudara a ser o pintor em que se tornara e que estava agora, também, no termo da vida, com Cristo e os anjos a velarem por ele.